Trabalhos Científicos

Título: Ferritina Sérica Como Marcador Prognóstico Na Sepse Pediátrica.

Autores: ALICE SCALZILLI BECKER (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), BRUNA COSTA RODRIGUES (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), GRAZIELA MORAIS LOURENÇO (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), JÚLIA BELATO TEIXEIRA (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), RAQUEL JAQUELINE EDER RIBEIRO (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), SABRINA COMIN BIZOTTO (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), VALENTINA SCHNEIDER MÜLLER (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), CAROLINE ABUD DRUMOND COSTA (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), GABRIELA RUPP HANZEN ANDRADES (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), FRANCIELLY CRESTANI (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), PEDRO CELINY RAMOS GARCIA (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), ANA PAULA MIRANDA (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), PAULO EINLOFT (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), FRANCISCO BRUNO (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL), CRISTIAN TONIAL (ESCOLA DE MEDICINA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL)

Resumo: Introdução: A ferritina sérica é uma proteína de fase aguda, elevando-se na circulação de citocinas inflamatórias. Marcadores prognósticos na sepse são úteis para identificar pacientes com risco aumentado de óbito, selecionar quais as terapias mais apropriadas em determinadas situações e guiar a resposta ao tratamento. Objetivo: Avaliar a ferritina sérica coletada de forma rotineira nas primeiras 48 horas de internação e verificar associação com desfechos desfavoráveis em pacientes pediátricos com sepse e alta prevalência de anemia ferropriva. Métodos: Estudo de coorte retrospectivo em Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP) de um hospital universitário do sul do Brasil, com aprovação do Comitê de Ética. Todas internações de pacientes entre 6 meses e 18 anos de idade (n=350) com diagnóstico de sepse confirmado ou suspeito foram selecionadas. Critérios de exclusão foram permanência na UTIP menor que 8 horas e doença genética ou adquirida do metabolismo do ferro que pudessem interferir nos valores séricos da ferritina. Resultados: 312 internações possuíam coleta de ferritina sérica nas primeiras 48 horas e apenas 38 não possuíam. A mediana da maior ferritina sérica nas primeiras 48 horas foi de 150,5 ng/mL (IIQ 82,25-362), apresentado associação de forma independente com mortalidade (p0,001, Exp(B) 5,170, 95 CI 2,619-10,205). Um aumento de 10 vezes no valor de ferritina foi associado a uma mortalidade 5 vezes maior. Observamos também um aumento monotônico da letalidade na medida em que subiu a ferritina (p0,05). Sobre o poder discriminativo da ferritina para mortalidade, através da curva ROC, o teste obteve uma AUC de 0,787 (95 IC 0,737 – 0,83, p 0,0001). Conclusão: A ferritina sérica demonstrou ser biomarcador útil como preditor de mortalidade em pacientes maiores de 6 meses com sepse. Mesmo em pacientes com anemia ferropriva e com ferritina sérica menores que 500 ng/mL, valores elevados deste biomarcador estiveram associados de forma independente com mortalidade.